NEWS LETTER

JANEIRO

- Instituto Juruá realiza pesquisa sobre a nutrição e a segurança alimentar das comunidades do rio Juruá

- No rastro dos gigantes! Expedição científica finaliza a instalação de transmissores via satélite em pirarucus e jacarés na bacia do Juruá

- Pirarucu de manejo comunitário conquista certificação de de comércio justa e agrega valor à pesca sustentável de base comunitária

INSTITUTO JURUÁ
POVOS, RIOS E FLORESTAS

SOLUÇÕES COLABORATIVAS PARA A CONSERVAÇÃO DA AMAZÔNIA

DOAR

Instituto Juruá realiza pesquisa sobre a nutrição e a segurança alimentar das comunidades do rio Juruá

A pesquisa de mestrado do INPA, em colaboração com o Instituto Juruá, busca identificar quais são as mudanças percebidas na dieta ribeirinha amazônica e seus reflexos no estilo de vida das comunidades tradicionais do Rio Juruá.

Por **Paula Mulazzani Candiago**

A construção da identidade cultural de um povo passa pelo "o que" e "como" ele se alimenta. Para os povos da floresta, os recursos providos pelo meio ambiente podem representar não só informações biológicas, mas também socioculturais. A dieta, portanto, é um aspecto-chave para identificação de práticas culturais, como para a população ribeirinha, onde a alimentação tem como base principalmente diferentes peixes comidos junto com a farinha. Porém, a partir da introdução da cesta básica e alimentos industrializados e ultra-processados, as populações tradicionais estão em um processo de mudança de dieta.

Aplicação dos questionários para mães, pela Raimunda Antônia Gomes de Souza (Tonha), Auxiliar Logístico do Instituto Juruá; e para donas de casa, pela Risonaira Silva e Silva (Nara). Fotos: Paula M. Candiago

O perfil socioeconômico, a diversidade alimentar, a segurança alimentar e as suas relações para garantir o bem-estar das populações ribeirinhas do Rio Juruá são o tema de estudo do projeto “Saúde e nutrição das comunidades do Rio Juruá”, que teve sua primeira fase realizada nos meses de novembro a dezembro de 2023. O projeto ocorre em 33 comunidades presentes na área rural dos municípios de Itamarati e Carauari, e faz parte do projeto de mestrado pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) da pesquisadora colaboradora do Instituto Juruá, Paula Mulazzani Candiago. Na equipe de campo, que contou com toda a estrutura de apoio do IJ, participaram diretamente da coleta de dados as comunitárias Antônia Débora Ferreira de Souza, Francisca Braga de Lima, Maria Ozangela Cunha de Lima, Mikaely Paixão Figueiredo e Risonaira Silva e Silva, moradoras de Carauari, além da Auxiliar Logística do IJ, Raimunda Antônia Gomes de Souza, mais conhecida como Tonha.

Aplicação dos questionários para donas de casa, pela Mikaely Paixão Figueiredo (Mika) e para líderes comunitários, pela Paula Mulazzani Candiago (Paulinha). Fotos: Paula M. Candiago e Raimunda Antônia Gomes de Souza.

Para a realização do projeto, são aplicados diferentes questionários, um para os líderes comunitários, outro para as donas de casa e o último para as mães acompanhadas de suas crianças (que apresentam entre 2 meses a 5 anos de idade), além da coleta da água de consumo para análise da qualidade. O estado nutricional das mães e das crianças está sendo avaliado por meio de questionário, avaliação antropométrica (que ajuda a determinar os diferentes aspectos da nutrição e da saúde a partir do estado físico da pessoa, já que envolvem as medições antropométricas, como, a altura, peso, diferentes circunferências corporais e dobras cutâneas, esta última para estimar o percentual de gordura corporal) e recordatório alimentar das últimas 24 horas. As donas de casa respondem um questionário para identificação do perfil socioeconômico e alimentar das comunidades. Os líderes comunitários trazem a percepção acerca das preocupações com a saúde, problemas de saúde, casos de desnutrição, produção agrícola, saúde animal e água/saneamento.

Parte do material utilizado para as medições antropométricas e recordatório alimentar das últimas 24 h e caminho até as comunidades no verão. Fotos: Paula M. Candiago.

A segunda fase das coletas de dados será realizada em 2024 para contemplar o período da cheia e as mudanças na dieta que ocorrem no inverno amazônico. Os questionários serão reaplicados e, assim, poderemos aprofundar nessa dinâmica contemporânea dos regimes alimentares amazônicos e as implicações para os modos de vida e segurança alimentar da população.

O projeto tem previsão de encerramento em 2025. Após o período da análise dos dados, estão previstas devolutivas para todas as comunidades participantes e a criação de projetos futuros embasados nos resultados encontrados.

Aplicação dos questionários para donas de casa, pela Mikaely Paixão Figueiredo (Tchuca) e pela Antônia Débora Ferreira de Souza (Débora) e aplicação do recordatório alimentar das últimas 24h pela Paula Mulazzani Candiago (Paulinha). Fotos: Felipe Alexandre Santos Vieira e Raimunda Antônia Gomes de Souza.

No rastro dos gigantes! Expedição científica finaliza a instalação de transmissores via satélite em pirarucus e jacarés na bacia do Juruá

Pesquisadores do Instituto Juruá realizam a última expedição de captura de jacarés e pirarucus em vida livre para instalação de transmissores satelitais, como parte do projeto Guardiões dos Rios.

Por: **Eduardo von Mühlen**

Na região amazônica, o ciclo das águas promove uma verdadeira dança em sintonia com a floresta. Durante a estação chuvosa, os rios transbordam, inundando a mata e fertilizando o solo. À medida que a estação seca se aproxima, os rios recuam, expondo as terras que antes estavam submersas. Essa alternância não apenas molda a paisagem, como também influencia a vida selvagem e as comunidades locais, representando a pulsante vitalidade da região. Este ciclo é a sinfonia aquática que sustenta a exuberante biodiversidade da Amazônia, hoje palco principal para regulação e manutenção do clima global.

A megafauna aquática da Amazônia, que inclui a ariranha, o jacaré-açu, o peixe-boi amazônico, a tartaruga da Amazônia, o boto rosa e o pirarucu, é um conjunto de espécies emblemáticas, de grande importância para o bioma, que desempenham papel central na cultura, economia e ecologia da região. São espécies amplamente influenciadas pela sazonalidade dos rios e compartilham uma longa história de superexploração, que, ao longo do tempo, causou graves colapsos em suas populações selvagens.

Neste cenário, iniciamos em 2021 o projeto Guardiões dos Rios: Conservação de Base Comunitária da Megafauna Aquática, como parte das expedições amazônicas do Projeto Perpetual Planet Amazonian Expeditions, promovidas com apoio da National Geographic e Rolex, que visa avaliar a dinâmica espacial, os requisitos de habitat e a convivência destas seis espécies com as populações humanas. Este projeto visa fornecer evidências científicas necessárias para alinhar a conservação da biodiversidade e as necessidades de bem-estar dos moradores locais em uma escala de bacia, abrangendo diferentes cenários e modelos de conservação dos ambientes aquáticos. Com isso, pretendemos desenvolver e implementar um modelo de conservação espacialmente explícito, que possa ser efetivamente aplicado e protagonizado pelas comunidades locais.

No último mês, em dezembro de 2023, na iminência da subida das águas, os pesquisadores e técnicos do Instituto Juruá, em parceria com o oceanógrafo e pesquisador Roberto Avila e colaboradores locais, realizaram a última expedição para instalação dos transmissores satelitais de movimento (GPS) em 6 pirarucus e 3 jacarés-açu, situados em 2 áreas de diferentes contextos locais de conservação: A área da comunidade de São Raimundo, na RESEX do Médio Juruá, uma UC federal sob gestão do ICMBio e regulamentada desde 1997; e a comunidade de Lago Serrado, uma área fora dos limites oficiais de uma unidade de conservação, mas que conta com um Acordo de Pesca do Baixo Carauari, representando uma outra forma de proteção territorial, de iniciativa local e gestão comunitária.

A idéia central deste componente da pesquisa é compreender como essas espécies se deslocam no ambiente em função das diferenças no ciclo hidrológico, quando a água sobe e a floresta inundada fica disponível, bem como nestes diferentes modelos de gestão territorial, como UCs e áreas de acordo de pesca.

No total, foram 10 dias de expedição, com 09 animais capturados, em um grande esforço conjunto das equipes do Instituto e colaboradores locais. Os riscos associados ao trabalho com animais aquáticos vivos, selvagens e de tamanho porte, fazem com que este tipo de pesquisa seja sempre repleta de desafios, que vão desde o momento de sua captura, com a instalação de transmissores receptores de sinais via satélite, sem causar nenhum dano físico e com a garantia de bem estar animal durante todo o processo de instalação até o período posterior à sua soltura, garantindo a sua sobrevivência e o seu pleno desenvolvimento.

Captura e imobilização de macho adulto de jacaré-açu (Melanosuchus niger) para colocação de transmissor (foto: Hugo Costa)

Animal imobilizado segundo protocolos científicos e autorizados pelo IBAMA, para instalação de receptor de GPS na parte superior da cabeça (Foto Hugo Costa).

Animal imobilizado pronto para ser solto, com receptor de GPS na parte superior da cabeça (Foto Hugo Costa).

Captura noturna de pirarucu para instalação de receptor de GPS na região lombar, próximo a nadadeira dorsal (Foto Eduardo Muhlen).

Captura diurna de pirarucu para instalação de receptor de GPS (Foto Eduardo Muhlen).

Segundo dados iniciais, oito destes animais (com exceção de um indivíduo de pirarucu, ocasionado por algum defeito do aparelho) seguem transmitindo bem os sinais via satélite, o que demonstra o sucesso da técnica de instalação dos transmissores e da decisão de se desenvolver este tipo de abordagem. Esperamos acompanhar as movimentações destes indivíduos até, pelo menos, a próxima descida das águas, em meados de 2024.

Localização de indivíduo de Pirarucu (Arapaima gigas) ao longo dos meses de dezembro de 2023 e janeiro de 2024, através do transmissor de GPS via satélite (BD Instituto Juruá - Dados não Publicados).

Pirarucu de manejo comunitário conquista certificação de comércio justo e agrega valor à pesca sustentável de base comunitária

O Instituto Juruá, em parceria com diversas organizações do Coletivo do Pirarucu, celebra a conquista do selo Fair Trade USA pela ASPROC - uma iniciativa promovida pelo projeto de exportação "The Fish of Change".

Por **Nathália Messina**

A Amazônia, lar de uma das maiores biodiversidades do planeta, está testemunhando uma mudança significativa no comércio internacional de pescados. Em 2024, o pirarucu de manejo de comunidades indígenas e ribeirinhas amazonenses passará a ampliar seus mercados para o exterior, com a perspectiva de remunerar melhor os manejadores e as manejadoras envolvidas.

Fruto da união de várias organizações parceiras, o projeto de exportação do pirarucu, The Fish of Change, conta com a parceria estratégica do Serviço Florestal dos Estados Unidos - USFS, que apoia para fortalecer também o caminho da exportação. O projeto é realizado colaborativamente por organizações que integram o Coletivo Pirarucu, como a Associação de Produtores Rurais de Carauari – ASPROC, responsável pela coordenação comercial das marcas coletivas Gosto da Amazônia e Taste of Amazon; o Instituto Juruá enquanto gestor do projeto; o Memorial Chico Mendes; o Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá - IDSM; a Operação Amazônia Nativa – OPAN e o Sindicato de Bares e Restaurantes do Rio de Janeiro - SindRio, que promove as vendas em escala nacional. Para a distribuição e inserção do pescado no mercado internacional, contamos com a colaboração do Grupo Blueyou.

“Agora, com o selo Fairtrade, damos um passo importante em valorizar a floresta em pé, os rios saudáveis, com visibilidade e remuneração mais justa para as comunidades por meio de produtos que tornam isto viável. Esse projeto é um grande exemplo de impacto do trabalho realizado com diversas parcerias, entre organizações sociais, governo, associações de base comunitária e o setor privado”, afirma Jayleen Vera, gerente do programa do USFS no Brasil.

Para a certificação de comércio justo, a equipe do projeto optou por trabalhar com a Fair Trade USA (FTUSA), uma ONG fundada em 1998 e a principal certificadora independente de produtos do comércio justo nos EUA. Com foco em mercados agrícolas, de pescados e de manufaturas, a FTUSA busca promover o consumo consciente e o comércio mutuamente benéfico para todas as partes envolvidas.

O processo de certificação, centrado na Norma de Pesca de Captura (em inglês, Capture Fisheries Standard - CFS), abrange nove módulos que vão desde o empoderamento dos manejadores até questões trabalhistas, gestão de recursos naturais, transparência e a promoção de um sistema interno para aperfeiçoamento da gestão do titular do certificado, a ASPROC.

As auditorias são feitas anualmente por um órgão independente autorizado pela FTUSA, denominado “organismo de conformidade”, que verifica o cumprimento e a conformidade com a Norma CFS. Em novembro de 2023, a ASPROC passou por sua primeira auditoria para o comércio justo do pirarucu, apoiada pelo Instituto Juruá e realizada pela empresa SCS Global Services, na comunidade Lago Serrado (área do acordo de pesca de Carauari).

Fotos: Oficina preparatória para a auditoria FTUSA na comunidade Lago Serrado.
Autoria: Edimar Costa de Souza.

Fotos: equipes envolvidas durante a auditoria na comunidade manejadora Lago Serrado: da esquerda para direita, SCS Global Service, ASPROC e moradores da comunidade; e Instituto Juruá com manejadores no lago.Autoria: foto 1) Nathália Messina; foto 2) Maria Phamela Barbosa.

Com apenas 20 não conformidades de Critérios Críticos e 3 de Critérios de Progresso, dentro de um quadro geral de mais de 200 critérios, a ASPROC afirmou seu compromisso com a Fair Trade USA e está trabalhando para ajustar as não conformidades, basicamente de base documentais.

Agora, com o certificado concedido e válido por 3,5 anos, a ASPROC pode comercializar seus produtos com o selo de comércio justo Fair Trade Certified (foto/ ilustração). Segundo o coordenador de produção da ASPROC, Eude Santiago, a certificação é significativa para a associação, pois demonstra o protagonismo comunitário. “Ela reflete a nossa escolha e dos nossos parceiros na condução responsável e sustentável de realizar os negócios de base comunitária. Esse modelo vai permitir demonstrar mais transparência, além de levar confiança para os nossos consumidores”, afirmou o coordenador.

Foto ilustrativa do pirarucu de manejo da ASPROC (titular do certificado) com o selo Fair Trade Certified.
Autoria da foto: Rodrigo Azevedo (Gosto da Amazônia). Foto sobreposta à logomarca Fair Trade Certified.

Em entrevista às assessoras da Equipe de Serviços ao Produtores da Fair Trade USA, Milena Tomas (FTUSA Brasil) e Pilar Herrón (FTUSA Colômbia), perguntamos quais serão os principais desafios da ASPROC para manutenção e desenvolvimento do programa de certificação, no que elas respondem:

"Acreditamos que, entre os principais desafios (...) estão:

a) Consolidar a estrutura organizacional das comunidades que já possuem para garantir decisões participativas em relação ao uso do Prêmio do Comércio Justo - dinheiro que receberão das vendas do Pirarucu certificado pela FTUSA.

b) Comprometer-se com a melhoria contínua de suas práticas de manuseio e processamento de produtos pesqueiros, a fim de atender aos altos padrões de qualidade exigidos pelos consumidores de produtos certificados em todo o mundo.

c) Manter ativa participação na coleta de dados de captura de peixes e na implementação de medidas de gestão (por exemplo, artes de pesca autorizadas, registro de acidentes), a fim de manter o estado saudável da população de pirarucu e garantir a saúde e segurança dos pescadores."

A conquista da ASPROC é notável para as comunidades da Amazônia, tornando-se a primeira organização a certificar o pirarucu de manejo, incentivando assim práticas sustentáveis e éticas no contexto da Amazônia. Também é um marco crucial para a pesca de água doce no mundo, sendo um pioneiro entre os produtos de pesca e aquicultura da Fair Trade USA. É um marco também em nível nacional, tendo em vista que o pirarucu manejado foi o primeiro produto de pesca certificado pela FTUSA, conforme relatam as assessoras Milena e Pilar:

"Para a Fair Trade USA, é muito significativo que nossa Norma de Pesca de Captura ajude as comunidades indígenas e ribeirinhas da Amazônia a receberem não apenas o reconhecimento do mercado, mas também incentivos econômicos que ajudarão os pescadores, suas famílias e comunidades (...). Além disso, esta é a primeira certificação a ser obtida no Brasil no âmbito do programa de pesca FTUSA, o que nos deixa entusiasmados em pensar que, como pioneiros, a ASPROC poderá incentivar outros pescadores brasileiros a aderir ao movimento do Comércio Justo. É também uma grande oportunidade para que nossos parceiros comerciais e consumidores que valorizam o Comércio Justo possam contribuir para a conservação da Amazônia e o bem-estar socioeconômico de seus habitantes ancestrais comprando pirarucu certificado pela FTUSA.", afirmaram as assessoras.

O selo Fair Trade Certified é mais uma iniciativa que atesta todo o valor social e ecológico do manejo do pirarucu. Ao escolher produtos certificados pelo Comércio Justo, os consumidores tornam-se agentes de mudança, valorizando o trabalho que manejadores e manejadoras realizam de conservação da Amazônia, além de incentivar o comércio pautado em princípios éticos.

IJ INDICA

INSTITUTOJURUA.ORG.BR

1.

CASA COMUM

De 10 de janeiro a 10 de março de 2024, a exposição Casa Comum traz para o prédio do 'Futuros – Arte e Tecnologia' no Rio de Janeiro, um manifesto espiritual vertiginoso que transita entre uma Amazônia de florestas, cidades e rios, abordando ancestralidade, presente e futuro.

FUTURXS
ARTE E TECNOLOGIA

2.

COMUNIDADE SELVAGEM

É uma plataforma de aprendizagem, cultivada desde 2018, que articula memórias e saberes indígenas, tradicionais, científicos, acadêmicos, artísticos e de outras espécies. São uma comunidade composta por seres regenerantes, pensadores, pesquisadores e apoiadores, ativando um circuito de estudos que produz e compartilha ações e materiais gratuitamente. (descrição extraída do site)

Acesso ao site

Acesso ao canal da comunidade no YouTube

3.

Livro "CARTAS PARA O BEM VIVER"

por Suzane Lima Costa e Rafael Xucuru-Kariri, 2021

O livro está disponível para download gratuito no site.

As Cartas dos Povos Indígenas ao Brasil. O livro é composto por cartas de indígenas e não indígenas em uma conversa inesquecível em torno de um desejo de encontro com o Bem Viver. São, ao todo, 50 cartas, algumas escritas somente com imagens, sem palavras, e assinadas por nomes como Ailton Krenak, Angela Mendes, Sônia Guajajara, Graça Graúna, Tim Ingold, Denilson Baniwa, Taquari Pataxó, Márcia Kambeba, Bianca Dias, Juvenal Payayá, Antonio Marcos Pereira, Rosinês Duarte, Stephanie Pujól, Paloma Vidal, Beth Rangel, Nego Bispo, Leonardo França, Arissana Pataxó, Milena Britto, entre outros.

INSTITUTO JURUÁ

Equipe de comunicação do Instituto Juruá
Clara Machado, Andressa Scabin, Nathalia Messina, Maria Cunha, Camila Duarte Ritter, Phamela Barbosa e Raphael Chicayban

Equipe de tradução do Instituto Juruá
Raquel Sian Varallo, Fernanda Diel, Laiane Lessa e Bruna Favaro

Diagramação
Mariana Bastos